

LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO, ENUNCIADO – PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nelzi Kszan Pancera¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a concepção de linguagem vista sob o ponto de vista de Mikhail Bakhtin. Este a vê não apenas como formalização lingüística, mas como um elemento em constante evolução, já que esse é também o processo da vida humana, em que o homem depende da linguagem para poder evoluir e vice-versa. É nessa relação entre o lingüístico e os social que se pode inserir a questão do enunciado e da enunciação, que fazem parte dos estudos da linguagem que, por sua vez, também fazem parte da constituição dos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, enunciação, enunciado, discurso, interação

ABSTRACT: This article has the purpose analyze the conception of language well-founded on the theoretical assumptio of Mikhail Bakhtin. He don't see as a linguistic formalization, but as one evolution constant element, because he is the evolution human life on the man depend of the language for your evoluatín and vice versa. And this relationship between the linguistic and the social can to inser the enunciation and the enunciated question, because they compose of the language study too, and his or her make the part of the constitution of discourse.

KEY WORDS: language, enunciation, enunciated, discourse, interaction

“Minha aposta não significa que o sujeito, para se constituir como tal, deva ‘criar’ o novo. A novidade, que pode estar no reaparecimento de velhas formas e de velhos conteúdos, é precisamente o fato de o sujeito ‘comprometer-se’ com sua palavra e de sua ‘articulação’ individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente”
(Geraldí, 1997, p.136)

1. INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que o homem interage com os outros, daí dizer-se que há uma estreita inter-relação entre língua e sociedade. E como

¹ Mestre em Lingüística pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora de Língua Portuguesa da Universidade Paranaense – UNIPAR – Campus Toledo.

essas relações se dão na relação entre um “eu” e um “tu”, há uma espécie de jogo em que as ações praticadas são, na verdade, ditadas pelos objetivos pretendidos pelos “jogadores”, ou seja, pelos interlocutores.

Isto leva, muitas vezes, um locutor a representar de modo distinto uma mesma realidade levando em conta o interlocutor. Por isso, em se tratando de ensino, não se pode deixar de levar em consideração a concepção de linguagem que deve permear todo o processo ensino/aprendizagem, visto que ela se realiza entre os homens e, portanto, toda e qualquer ação com ela praticada incide sobre o outro. É nessa relação interlocutiva que se constituem os sujeitos e a linguagem, pois ambos estão inter-relacionados, daí pensar-se em interação verbal sempre ligada às condições concretas em que ela se realiza, pois a determinação de sentidos nos discursos se realiza no contexto das interações verbais.

Assim, não só o enunciado é colocado como objeto dos estudos da linguagem como também a enunciação, por isso, em se tratando dos estudos da linguagem, estes revelam-se como elementos necessários para a compreensão da comunicação verbal.

2. A CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM

A linguagem acompanha o homem em todos os momentos de sua vida, servindo para articular as relações que ele estabelece com o outro e com o mundo. Por meio dela, o homem não só veicula informações, mas também mostra a sua visão sobre o mundo. É a linguagem que permite aos sujeitos se representarem a si mesmos, aos outros e ao mundo. Trata-se, portanto, de um meio de interação social por excelência. Assim sendo, o elemento essencial da linguagem é a sua realidade dialógica, visto que o outro tem função extremamente relevante na construção do significado. Essa idéia é que norteia a concepção bakhtiniana de linguagem.

Assim, em se tratando de ensino, acredita-se que o ponto de partida para qualquer trabalho nesse sentido parta do pressuposto de que o professor tenha a sensibilidade para motivar o aluno na busca de conhecimento e na construção da aprendizagem por meio das potencialidades da linguagem. Com efeito, “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo” (BAKHTIN, 1993: 100).

EDUCERE - Revista da Educação, vol. 2, n. 1: jan./jun. 2002

Quando Bakhtin fala da linguagem, está falando da palavra; não da palavra em estado de dicionário, mas da palavra viva, carregada de acentos e entoações ideológicas, isto porque ela é oriunda de seres situados social e historicamente no mundo. Para o autor,

na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1999: 113).

Desse modo, a palavra é sempre socialmente dirigida e, por isso, está em constante diálogo com a palavra do outro. Diálogo, porém, não deve ser compreendido apenas como uma conversa entre duas pessoas que estão frente a frente, mas como toda e qualquer forma de comunicação verbal. A comunicação escrita, por exemplo, é uma forma de diálogo, visto que apresenta discursos que podem tanto constituir-se em respostas a algum questionamento, como podem reafirmar, refutar ou antecipar questões, abrindo-se, assim, a embates ideológicos de pequena ou larga escala, dependendo do contexto que os gerou. O que implica dizer, segundo Bakhtin, que a comunicação verbal é ininterrupta, seja ela elemento da vida cotidiana, da literatura ou das ciências. “Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado” (BAKHTIN, 1997: 123).

É interessante a associação que Bakhtin faz entre a comunicação verbal e a evolução do ser humano, pois a comunicação verbal deve ser vista não apenas a partir da interação concreta ente dois indivíduos, mas deve levar em conta também o momento extralingüístico social, tanto o imediato, mais empírico, como o mais amplo, histórico-ideológico. Observa-se, desse modo, que se cria um vínculo entre esses três elementos e as relações que se estabelecem a partir daí adquirem formas e significações diversas e distintas umas das outras.

Mas a comunicação verbal não se limita a essas relações, isto é, do verbal para o verbal: ela se entrelaça a outros tipos de comunicação, incluindo também a entonação e a expressividade, tornando-se parte integrante da “comunicação global em perpétua evolução”.

É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (BAKHTIN, 1999: 124).

Sob essa perspectiva, parece aclarar-se a concepção de linguagem bakhtiniana, ou seja, Bakhtin, em seus estudos sobre a linguagem, não exclui a formalização lingüística, mas a toma como um elemento em estado de constante evolução, já que é este também o processo da vida humana. Assim, estabelece-se um ciclo, isto é, o homem depende do outro para evoluir. Essa interação é mediada pela linguagem e a linguagem evolui na medida em que o homem também o faz. Depreende-se, então, que há um vínculo muito estreito entre o homem e a linguagem. Em função disso, é necessário verificar as formas com que a linguagem se realiza.

3. AS FORMAS DA ENUNCIÇÃO E DO ENUNCIADO

Como se pôde ver acima, a compreensão da linguagem como meio de interação social, na qual o outro tem função primordial na constituição do significado, coloca todo o ato de enunciação individual num plano maior, demonstrando que há relações estreitas entre o elemento lingüístico e o social.

Assim, não só o enunciado é colocado como objeto dos estudos da linguagem, como também a enunciação vai revelar-se um elemento necessário para a compreensão da comunicação verbal. Ora, se a linguagem é o elemento que propicia a interação entre sujeitos histórica e socialmente constituídos, é nessa interação que ocorre o fenômeno da enunciação.

Enunciação, portanto, sob a ótica bakhtiniana, é o “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1999: 112) e compreende a matéria lingüística e o contexto onde ela foi inserida. Da matéria lingüística obtém-se a significação, gerada a partir das palavras e dos significados a elas inerentes, das relações morfológicas e sintáticas que as mesmas estabelecem, bem como das entonações e expressividade, constituindo-se, assim, de elementos que podem ser reiteráveis e idênticos toda vez que são repetidos. Desse modo, segundo Bakhtin, a cada vez que se repete a expressão: *Que horas são?*, por exemplo, a significação será idêntica. Esses

elementos são lançados ao interlocutor não de forma isolada, mas dentro de um contexto social. A enunciação é, assim, a junção desses dois elementos: o lingüístico e o social. Desse modo, a enunciação tem um sentido único e definido, portanto, é “individual e não reiterável” (Id.Ibid.:128), já que é propriedade de um contexto específico e que faz sentido só no momento da ocorrência, isto é, nas condições de uma enunciação concreta. A isso Bakhtin chama de “tema da enunciação, isto é, o momento social e histórico que lhe deu origem e que compreende toda uma situação e os elementos que a compõem (sons, entoações, escolhas lingüísticas...)” (Id.128/129).

Se o momento da enunciação é único e irrepetível, há que se pensar sempre no novo, o que quer dizer que uma mesma palavra proferida por indivíduos em contextos diferentes não será exatamente a mesma palavra. E esta, em qualquer instância de significação, constitui um enunciado que, de acordo com Bakhtin, “é a unidade real da comunicação verbal” (1992: 293).

Segundo o autor, o enunciado concreto pode constituir-se de uma só palavra, de combinações de palavras ou de orações, mas sempre apresentará um início e um fim e fronteiras claramente delimitadas. As fronteiras são estabelecidas pela alternância dos falantes. É no diálogo real que ocorre com mais evidência essa alternância, ou seja, quando se transfere a palavra ao outro. A alternância dos sujeitos falantes é a primeira particularidade do enunciado.

A segunda particularidade do enunciado é o acabamento, que não deixa de ser a alternância dos sujeitos, visto que, a palavra passa ao outro somente quando o sujeito disse tudo o que queria ou precisava dizer. Este ato proporciona ao interlocutor a possibilidade de resposta. É a possibilidade de responder que Bakhtin considera como “o primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado” (Id.: 299).

Este critério é determinado por três fatores indissociáveis: 1. *O tratamento exaustivo do objeto do sentido (tema)*. Na vida cotidiana, na vida militar, na vida profissional, o tratamento exaustivo do tema pode ser quase total. Já nas esferas criativas, em particular nas ciências, o acabamento é relativo, pois é determinado em função da abordagem, da delimitação do assunto, dos objetivos do autor. 2. *O intuito, o “querer-dizer” do locutor*. A intenção, o “querer-dizer” do locutor determina o todo do enunciado, qual quer que seja a sua natureza. Este intuito é que vai precisar a escolha do tema: o tratamento exaustivo; o gênero que estrutura o tema e até os parceiros do diálogo. 3. *As formas típicas de estruturação do gênero do acabamento*. “O querer-dizer do locutor se realiza, acima de tudo, na escolha de

um gênero do discurso” (Id. Ibid.: 301). A escolha vai depender do assunto, do meio ambiente, das pessoas a quem se dirige a comunicação.

Bakhtin ressalta que os gêneros do discurso são utilizados na prática pelos falantes, sem que estes necessitem conhecê-los teoricamente e sem se darem conta de que os estão utilizando, e de forma criativa. É um processo quase inato.

A terceira particularidade do enunciado é a relação entre o enunciado e seu autor (do enunciado), pois é por meio do enunciado que o locutor manifesta seus pensamentos, suas intenções. É essa relação, funcional, que determina *a priori* o gênero do discurso a ser utilizado. Posteriormente, precisando o estilo, segue-se “a necessidade de expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado” (Id.: 308).

Um dos recursos utilizados na comunicação oral para evidenciar um aspecto emotivo-valorativo no enunciado é a entonação. Bakhtin salienta que a entonação, fora do enunciado, não existe, isto é, “a oração e a palavra, enquanto unidades da língua, não têm entonação expressiva” (Id.:309). A escolha das palavras parte daquilo que se tem a comunicar. Mesmo as palavras que designam emoção, juízo de valor (“alegria”, “aflição”, “belo”, “triste”) só ganham expressividade no contexto do enunciado. A palavra, assigura Bakhtin,

existe para o locutor sob três aspectos: como a palavra ‘neutra da língua’ e que não pertence a ninguém, como ‘palavra do outro’ pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios, e, finalmente, como palavra ‘minha’, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade” (Id.:313).

Ao falar da expressividade no enunciado, Bakhtin tece algumas considerações sobre o dialogismo, isto é, os enunciados afloram em cada época, contexto social, familiar, obras científicas, literárias, ideológicas e expressam determinadas visões de mundo que norteiam a vida das pessoas. Essas idéias, que o homem estabelece com seus semelhantes, no processo de constante interação no qual o homem vive, são transmitidas, assimiladas, refutadas. Com isso, os enunciados ficam repletos de palavras dos outros. Aliás, a existência do outro é fundamental para o enunciado; sem um destinatário não há enunciado.

A idéia de que um enunciado está sempre voltado para outro repe-

EDUCERE - Revista da Educação, vol. 2, n. 1: jan./jun. 2002

te-se e ganha maior grau de complexidade quando Bakhtin se refere aos fenômenos específicos do discurso com suas variedades de formas e graus de orientação dialógica. Segundo Bakhtin, o discurso está sempre voltado para seu objeto e já traz no bojo idéias de outros falantes. Em consequência o discurso é sempre levado dialogicamente ao discurso do outro, repleto de entonações, conotações e juízos valorativos.

Assim, se todas as ações humanas são permeadas pela linguagem, é possível afirmar-se que a linguagem é o ponto de partida para as ações dos sujeitos e para a constituição dos mesmos. Desta forma, se considerarmos a contribuição de Bakhtin, a enunciação é eminentemente social, pois enuncia-se sempre para alguém de um determinado lugar ou de uma determinada posição sócio-histórica, de forma que o tu também ocupa uma determinada posição. Esses são os lugares constitutivos da enunciação.

4. CONCLUSÃO

Ora, se produzir linguagens é produzir discursos, o que significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico, ela é, portanto, a responsável pela interação entre os homens. Por isso, em se tratando de ensino, a escola deve estar atenta a esses aspectos. Isto porque, a interação, tal qual Bakhtin a concebe constitui uma categoria que permite que se supere a concepção de um sujeito apenas centrado na polaridade do eu e do tu. O centro das relações é o espaço discursivo, que fica entre ambos. Desta forma, pode-se dizer que o sujeito só se constrói na sua interação com o outro, numa relação entre alteridade e identidade.

Portanto, cabe à escola o desafio de oferecer condições para que os alunos se tornem realmente qualificados para o exercício de diferentes tipos de discurso, não só em relação à leitura, mas também em relação à produção, pois em cada discurso há um enunciador e uma especificidade enunciativa que se constrói num jogo de relações internas ao próprio discurso. E é na percepção desse jogo que os alunos podem superar as dificuldades na habilidade da leitura e da escrita, que nem sempre são apenas decorrentes das dificuldades com a língua. Por isso, na prática de sala de aula o professor deve transformar o ensino da língua materna num momento privilegiado de interação em que os interlocutores verdadeiros (professores e alunos) têm o que dizer e o dizem por meio de sua língua que é tomada como uma atividade, como um processo criativo que se materializa pela enunciação.

Só dessa forma as práticas escolares poderão formar leitores e produtores de textos conscientes do lugar que ocupam e de sua capacidade de ação e de inter-ação para modificar o que se constitui como pronto e preestabelecido.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance**. 3.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo : MartinsFontes, 1992.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. Diana L. P. de Barros e José Luiz Fiorin (orgs.). São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In. **Diálogos com Bakhtin**. Carlos Alberto Faraco et al. (orgs.) Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Beth Brait (org.). Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In. **Diálogos com Bakhtin**. Carlos Alberto Faraco et al. (org.). Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- _____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. Diana P. de Barros e José Luiz Fiorin (orgs.). São Paulo: EDUSP, 1999.
- EDUCERE - Revista da Educação, vol. 2, n. 1: jan./jun. 2002*

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do discurso**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1994.

CLARK, K. e HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, C. A. Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura. In. **Uma introdução a Bakhtin**. Carlos Alberto Faraco et al., Curitiba: Hatier, 1988.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

_____ (org.) **A leitura e os leitores**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.